

Uma análise crítica dos ‘valores-notícia de construção’: contribuições da retórica e dos estudos de enquadramento para problematização do conceito¹

Marcos Paulo da Silva²
Raquel de Souza Jeronymo³
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo

O presente artigo vale-se da contribuição de duas correntes teórico-metodológicas bastante presentes no campo dos estudos em jornalismo – *a framing analysis* (análise de enquadramento) e a crítica retórica – para desenvolver uma análise crítica do conceito de “valor-notícia de construção”, concepção oriunda da abordagem de autores da escola europeia, a exemplo de Traquina (2008) e Wolf (2003), com recepção significativa no Brasil. Com base em autores como Goffman (2012), Gitlin (2003), Entman (1993) e Kuypers (2009), elabora-se uma relativização do conceito de “valor-notícia de construção” e aporta-se no entendimento de que as duas tradições de pesquisa mencionadas oferecem uma matriz teórico-metodológica mais elaborada quando comparada com a classificação das notícias em um elenco de “valores” noticiosos compartilhado pelo campo jornalístico.

Palavras-chave: Enquadramento Noticioso; Retórica; Valores-notícia.

Para situar o debate

O presente artigo, de matiz ensaística, vale-se da contribuição de duas correntes teórico-metodológicas bastante presentes no campo dos estudos teóricos do jornalismo – *a framing analysis* (análise de enquadramento) e a crítica retórica – para desenvolver uma análise crítica do conceito de “valor-notícia de construção”, concepção oriunda da abordagem de autores da escola europeia, como o autor português Nelson Traquina (2005; 2008) e o italiano Mauro Wolf (2003), com recepção significativa nas pesquisas brasileiras⁴.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche pela Syracuse University (New York, Estados Unidos). E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Jornalista graduada pela mesma instituição. E-mail: raquels.jeronymo@gmail.com.

⁴ Para efeitos de contextualização, tal linha de raciocínio integra a etapa de discussão teórico-conceitual e metodológica de um estudo mais amplo, em nível de Pós-Graduação *stricto sensu*, que possui como objeto empírico as estratégias retóricas por trás da cobertura jornalística do impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em 2016.

A disseminação da concepção de “valor-notícia de construção” nas pesquisas brasileiras recai, em grande parte, na recepção significativa da obra do autor português Nelson Traquina (2005; 2008) nos cursos de Jornalismo do país. Com o respaldo da proximidade linguística, o autor constitui uma das principais referências quando se adentra no universo dos estudos sobre a construção das notícias, sobretudo devido ao apanhado teórico reunido nos dois volumes do livro *Teorias do Jornalismo*, publicados no Brasil pela editora catarinense Insular. Traquina (2005; 2008) dedica parte representativa dos livros para tratar dos conceitos de noticiabilidade, de critérios de noticiabilidade e de valores-notícia, compreendendo as três concepções – a despeito da diferença semântica – como imbricadas num mesmo processo, bem como, em diferentes circunstância, tratando as ideias de critérios de noticiabilidade e valores-notícia como sinônimas⁵.

O conceito de noticiabilidade, de acordo com Nelson Traquina (2008, p. 63), pode ser definido como o “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Além disso, o autor português apresenta os critérios de noticiabilidade como um conjunto de valores-notícia que determinam se “um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 63). Na prática, apresenta uma abordagem histórica por meio de três épocas distintas para argumentar que os valores-notícia apresentam “um padrão geral bastante estável e previsível” (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Nesse ínterim, Traquina (2008) volta o olhar inicialmente aos séculos XVI e XVII, quando surgiram na Europa as primeiras “folhas volantes”, precursoras dos jornais modernos, e apresenta aqueles que seriam os “primeiros valores-notícia”, isto é, os acontecimentos mais recorrentes nos impressos da época: os milagres, as abominações, as catástrofes, os e acontecimentos bizarros. Outros valores-notícia importantes mencionados pelo autor remetem ao insólito – “os acontecimentos que produziam o maior espanto, a mais profunda maravilha, a maior surpresa” – e à notoriedade do ator principal – “os atos e as palavras das pessoas importantes, as crônicas e as proezas de personalidades da “elite” (TRAQUINA, 2008, p. 65).

Tais características se se aproximam daquelas delineadas por Tobias Peucer (2004) em sua tese doutoral *De relationibus novellis*, traduzida para o português como *Os relatos jornalísticos*, apresentada em 1690 na Universidade de Leipzig, na

⁵ Não integra os objetivos do presente artigo detalhar a distinção entre os três conceitos, reflexão realizada em outros trabalhos. Ver: SILVA (2014).

Alemanha, e considerada o primeiro estudo acadêmico no mundo ocidental a abordar o universo das notícias. Ao reconhecer a natureza incontável das coisas singulares que acontecem por todas as partes, Peucer (2004) reconheceu naquele momento ser necessária uma seleção de parâmetros para determinar o que mereceria ser socialmente ressaltado em termos de acontecimentos: os fenômenos naturais; as diferentes formas dos impérios, as mudanças, os afazeres da guerra e da paz, as novas leis, os julgamentos, os cargos, dentre outros temas de ordem política; os nascimentos e mortes de pessoas ilustres, acontecimentos que ganham notoriedade devido à relevância social de seus atores; e finalmente os temas eclesiásticos e literários (PEUCER, 2004, p. 20-21) – constituindo a discussão do erudito alemão um primeiro esboço daqueles valores-notícia que seriam referenciados três séculos depois por Traquina (2008).

Outro recorte empírico ao qual o autor português se debruça constitui o jornalismo norte-americano da década de 1930 do século XX. Traquina (2008, p. 67) sublinha o fato de que a partir do surgimento da chamada “*pennypress*” nos Estados Unidos, jornais emergentes como o *New York Sun* passaram a dar ênfase “às notícias locais, às histórias de interesse humano, e apresentavam reportagens sensacionalistas de fatos surpreendentes”. Por fim, num terceiro momento histórico, a década de 70 do século XX, o autor vale-se do livro *Deciding Whats News*, do sociólogo norte-americano Herbert Gans (2004), para ressaltar o peso do valor-notícia “notoriedade”, demonstrando que no contexto estadunidense, assim como em todas as nações modernas, “as pessoas que aparecem mais frequentemente nas notícias são aquelas conhecidas, e, na maior parte, aquelas em posições oficiais” (GANS, 2004, p. 9, tradução nossa).

Traquina (2008, p. 69) afirma que “as semelhanças entre as notícias nestes três momentos diferentes que abrangem quase quatro séculos de história não devem surpreender”, pois – valendo-se das palavras do historiador Mitchell Stephens (1988, p.34), ao que denomina “qualidades duradouras do jornalismo” – relata que a humanidade “tem permutado uma mistura semelhante de notícias com consistência através da história”.

Em termos de sistematização, a recuperação histórica realizada por Nelson Traquina guarda certa semelhança também com a tentativa de John Galtung e Mari Ruge (1965) de identificar, na forma de listagem, os fatores que influenciam o fluxo das notícias. Os autores dinamarqueses, em estudo que se tornou referência no campo

teórico do jornalismo, enumeram vinte fatores com proeminência no universo das notícias: a frequência, a amplitude, a intensidade absoluta, o aumento de intensidade, a inequivocidade, a significância, a proximidade cultural, a relevância, a consonância, a predicabilidade, a exigência, a imprevisibilidade, a impredicabilidade, a escassez, a continuidade, a composição, a referência a nações de elite, a referência a pessoas de elite, a referência a pessoas e a referência a algo negativo (GALTUNG & RUGE, 1965, p.70-71).

Valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção: uma breve revisão⁶

Um dos méritos de Nelson Traquina (2008) em sua sistematização localiza-se na tentativa de adicionar novos elementos às categorias históricas de características das notícias. Nesse sentido, o autor português se alinha à perspectiva do também europeu Mauro Wolf (2003)⁷. Em resumo, segundo Wolf (2003, p.195), a partir do momento em que a noticiabilidade é definida como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos dentre os quais há que selecionar as notícias”, os valores-notícia devem ser reconhecidos como um dos componentes dessa dinâmica mais abrangente – perspectiva que inicialmente demonstra pouca divergência em relação a outras elaborações teórico-conceituais anteriormente citadas.

Com o aprofundamento de suas reflexões, no entanto, o teórico italiano passa a situar-se – ao lado de Herbert Gans (2004)⁸ – na posição de um dos pioneiros em destacar que os valores-notícia (mesmo aqueles já considerados desde a década de 1960 pelos pesquisadores dinamarqueses) estão presentes ao longo de toda a problemática da produção jornalística: do processo de seleção dos acontecimentos ao processo de elaboração da notícia. A partir da problematização de Mauro Wolf (2003), faz-se necessário reconhecer que um novo modelo de classificação desempenha papel essencial nos estudos da noticiabilidade: a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção.

Em síntese, conforme apresenta Traquina (2008, p.78), os valores de seleção dizem respeito aos critérios que os jornalistas utilizam para selecionar no complexo rol

⁶ Parte da presente discussão está presente no capítulo *Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores-notícia*. Ver: SILVA (2014).

⁷ O texto original “Teorias da comunicação”, de Mauro Wolf, data de 1985. Utiliza-se neste trabalho a edição em língua portuguesa de 2003. Ver: Wolf (2003)

⁸ É importante identificar neste ponto que o próprio Herbert Gans localiza-se como uma das bibliografias que servem de influência para as reflexões de Mauro Wolf.

de acontecimentos cotidianos aqueles que merecem ser transformados em conteúdo jornalístico. De modo mais específico, eles subdividem-se em outros dois grupos: os critérios substantivos, que tratam da avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia; e os critérios contextuais, que se referem ao contexto de produção noticiosa. Por sua vez, os valores-notícia de construção envolvem as qualidades da estrutura da notícia e funcionam como “linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia”. Tais categorias podem ser visualizadas com mais clareza a partir de uma comparação com o próprio estudo original de Galtung & Ruge (1965):

Podemos ver que os seus valores-notícia incluem ambos os tipos de valor-notícia, sem, no entanto, a clareza da distinção entre os dois tipos. Por exemplo, Galtung e Ruge identificam como um valor-notícia a importância de “pessoas de elite”, um valor-notícia de seleção que iremos denominar “notoriedade do ator”. Os autores identificam como outro valor-notícia a “personalização”, em que referem que “as notícias têm a tendência de apresentar os acontecimentos como frases onde há um sujeito, uma pessoa nomeada ou uma coletividade que consiste em algumas pessoas”; a “personalização” é outro valor-notícia, mas um valor-notícia de construção. (TRAQUINA, 2008, p. 78).

São nove os valores-notícia de seleção em termos de critérios substantivos elencados por Nelson Traquina (2008, p. 79-88) com base na distinção inicial de Mauro Wolf (2003): a “morte”, a “notoriedade”, a “proximidade”, a “relevância”, a “novidade”, o “tempo” (atualidade), a “notabilidade”, o “inesperado”, o “conflito” (ou controvérsia), a “infração” e o “escândalo”. Já os valores-notícia em termos de critérios contextuais somam cinco: a “disponibilidade”, o “equilíbrio”, a “visualidade”, a “concorrência” e o “dia noticioso”. Finalmente, os chamados valores-notícia de construção – conceitualmente, aqueles que tratam dos “critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2008, p.91) – somam seis: a “simplificação”, a “amplificação”, a “relevância”, a “personalização”, a “dramatização”, e a “consonância”.

Esse elenco de fatores, conforme sugere Nelson Traquina (2008), mostra que a compreensão da noticiabilidade não pode ser observada de maneira estanque e impermeável – ou seja, parte-se do entendimento de que os critérios de noticiabilidade dialogam e trocam influências entre si. Além disso, reconhece-se que o entendimento dos critérios substantivos de seleção deve tangenciar outro aspecto de natureza teórica: a

compreensão da sociedade como um consenso. As noções de “inesperado”, “conflito”, “infração”, “novidade”, “escândalo”, “relevância” e “notabilidade” somente ganham relevo, assim, quando interpretadas a partir de uma compreensão consensual das relações sociais. Em suma, nas palavras do autor português, “sem este conhecimento consensual de fundo, nem os jornalistas nem os leitores poderiam reconhecer o primeiro plano das notícias” (TRAQUINA, 2008, p.86).

O avesso do avesso: a desconstrução do conceito de valor-notícia de construção

A diferenciação entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção proposta por Wolf (2003) e ratificada por Traquina (2008) é desconstruída por outros autores, a exemplo de Gislene Silva (2005), que vincula os chamados valores-notícia ao plano pragmático dos fenômenos ao passo em que as demais etapas da cadeia de construção e de hierarquização noticiosa se estabeleceriam no circuito mais amplo da noticiabilidade:

Já se sabe que os valores-notícia agem em todo o processo de produção da informação jornalística. Disso não se discorda aqui. O problema é o uso que se faz do conceito. Para Wolf, “valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”. Nessa definição, a seleção parece restrita apenas em sua etapa primária, sendo que (...) ela continua na etapa seguinte, incluída no conjunto dos demais procedimentos posteriores, a que chamamos de tratamento do fato. (SILVA, 2005, p.99).

Shoemaker & Cohen (2006), por seu turno, interpretam a concepção de noticiabilidade como um constructo de natureza eminentemente cognitiva, o que coloca o conceito de “valor” em uma perspectiva mais próxima do entendimento de Herbert Gans (2004) dos valores noticiosos como valores ideológicos compartilhados nas salas de redação. À frente, o próprio Nelson Traquina (2008, p. 95) reconhece que os valores-notícia não podem ser encarados como regras estáticas que pautam a produção jornalística, pois não são imutáveis, sofrendo mudanças “de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais”. Nesse sentido, segundo explica Stuart Hall (1981), os valores-notícia “configuram um dos mais ‘opacos arcaibouços de sentido’ da sociedade moderna; um tipo de ‘estrutura profunda’ que não se faz transparente nem mesmo aos seus próprios operadores: os

jornalistas” (HALL, 1981, p. 35).

De um vértice operacional, todavia, é inegável que as categorias denominadas como “valores-notícia de construção” – embora conceitualmente se estabeleçam menos como valores noticiosos ligados aos acontecimentos no plano dos fenômenos (SILVA, 2005) ou como valores ideológicos compartilhados pelo campo jornalístico (GANS, 2004) – são factíveis como instrumentos de pesquisa no plano classificatório. Cabe ressaltar, ainda assim, no que tange o desafio de contemplar a complexidade das dinâmicas de seleção e de construção da narração jornalística – objetivo da presente reflexão – que o arcabouço teórico-metodológico apresentado pelas tradições da *framing analysis* (análise de enquadramento) e da análise retórica proporcionam uma matriz teórico-metodológica mais elaborada quando comparada com a mera classificação das notícias em um elenco de “valores” noticiosos eventualmente compartilhado pelo campo jornalístico.

A contribuição da *framing analysis* e o diálogo com a crítica retórica

Desde o século XX, quando surgiu pela primeira vez no meio acadêmico, o conceito de enquadramento noticioso (*framing*) tem se destacado como uma alternativa teórica muito utilizada para analisar produtos noticiosos, na medida em que se afasta de concepções romantizadas do fazer jornalístico (a exemplo do escopo das chamadas *Teorias do Espelho*) e possibilita um trabalho conjunto com outras linhas de estudo, como a Hipótese do Agendamento (*agenda-setting*).

Um dos pioneiros na utilização da ideia de *framing* no terreno teórico é Erving Goffman (2012)⁹. O sociólogo se inspira em outros autores, como Edward Cone e Gregory Bateson, que já haviam utilizado a concepção de “quadro” (*frame*) no campo da teoria social, para reconhecer que “quando os papéis dos que participam numa atividade são diferenciados – o que ocorre frequentemente – a visão que uma pessoa tem daquilo que está acontecendo será provavelmente muito diferente da visão de outra” (GOFFMAN, 2012, p. 31). Na perspectiva do autor, “interesses diferentes produzirão relevâncias motivacionais diferentes” na medida em que cada indivíduo apresenta “perspectivas diferentes para os ‘mesmos’ acontecimentos, estando propensos a empregar aberturas e níveis de enfoque diferentes” para enquadrá-los.

⁹ A obra *Frame Analysis: an essay on the organization of experience* data originalmente de 1974. Utiliza-se neste trabalho a versão em língua portuguesa traduzida no Brasil como *Os quadros da experiência social*. Ver: Goffman (2012).

Na década de 1980, o sociólogo norte-americano Todd Gitlin (2003)¹⁰ aproxima-se do conceito de *framing* com uma abordagem propriamente voltada ao universo jornalístico. O autor sublinha que os enquadramentos de mídia “organizam o mundo para os jornalistas que o relatam e, em algum grau importante, para nós que dependemos de seus relatos” (GITLIN, 2003, p. 7, tradução nossa). Na sequência, procura sintetizar o conceito de “enquadramentos de mídia” como “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais manipuladores de símbolos rotineiramente organizam discursos, sejam verbais ou visuais” (GITLIN, 2003, p.7, tradução nossa).

Gitlin (2003) faz questão de demarcar sua posição contrária ao escopo das *Teorias do Espelho* ao defender que “meios de comunicação são holofotes móveis, não espelhos passivos da sociedade”. Além disso, defende que cada notícia, ao adotar determinado enquadramento, “rejeita ou minimiza o material que é discrepante”, realizando uma triagem de pontos de vista (GITLIN, 2003, p. 49-51, tradução nossa). Nesse cenário, enquadramentos de mídia são também definidos pelo autor como princípios que fazem com que o mundo pareça natural além da experiência direta, embora possam fazer parte da realidade (GITLIN, 2003).

Em sentido semelhante, Jim Kuypers (2009) assevera que o ato de enquadrar pode ser entendido como “extrair alguns aspectos da realidade e então fazê-los mais acessíveis do que outros aspectos”, pois quando “enquadra-se de uma forma particular, encoraja-se os outros a ver tais fatos da mesma maneira” (KUYPERS, 2009, p. 181, tradução nossa). Em síntese, o autor afirma que os enquadramentos noticiosos “fornecem pistas interpretativas”, constituindo-se “ideias centrais organizadoras dentro de um relato narrativo de um problema ou evento” (KUYPERS, 2009, p. 181, tradução nossa).

Outro autor que se propõe a traçar uma definição para o conceito de enquadramento noticioso é Robert Entman (1993). O sociólogo afirma que enquadrar envolve essencialmente “seleção e saliência”, portanto trata-se de “selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo” (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa). Cabe a Entman a tarefa de sintetizar quatro maneiras pelas quais o enquadramento se operacionaliza:

¹⁰ O livro original data de 1980. Utiliza-se neste trabalho a versão de 2003. Ver: Gitlin (2003).

Enquadramentos, então, definem problemas – determinam o que um agente causador está fazendo e com que custos e benefícios, geralmente avaliados nos termos de valores culturais comuns; diagnosticam causas – identificam as forças criando o problema; fazem julgamentos morais – avaliam agentes causadores e seus efeitos; e sugerem soluções – oferecem e justificam tratamentos para os problemas e preveem seus efeitos prováveis. (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa).

Recai sobre Kuypers (2009), no entanto, a ênfase na pertinência de se aliar a análise de enquadramento à perspectiva da crítica retórica – reflexão cara à proposta deste artigo.

Enquadramento noticioso e crítica retórica

Na obra *Rhetorical Criticism: Perspectives in Action*, Kuypers (2009) desenvolve uma recuperação histórica do conceito de retórica para propor a interface com a *framing analysis*, situando-o como “uma invenção dos primórdios da Civilização Ocidental que tem suas raízes nas democracias emergentes da Grécia antiga” (KUYPERS e KING, 2009, p. 2, tradução nossa). Desenvolvido originalmente pelos gregos como “um corpo sistemático de conhecimentos sobre a teoria e a prática de falar em público” e definido por Aristóteles “como o ‘poder de descobrir meios de persuasão em qualquer situação’” (KUYPERS e KING, 2009, p. 2, tradução nossa), o estudo da retórica evolui através do tempo, fazendo-se fundamental no campo da comunicação.

Retórica atualmente inclui muito mais do que falar em público; concentrando-se na compreensão de ações simbólicas, abraça o discurso na mídia impressa, no rádio, na televisão e na Internet em muitas formas e configurações diferentes. Sem surpresa, a retórica agora está sendo estudada através de um amplo espectro de assuntos acadêmicos e tornou-se uma das disciplinas centrais do nosso tempo (KUYPERS e KING, 2009, p. 4, tradução nossa).

Ao apresentar o ato de enquadrar como uma parte fundamental do processo de comunicação, Kuypers (2009, p. 182, tradução nossa) reforça que a sociedade “necessita de maneiras para lidar com as enormes quantidades de informação que chegam a ela todos os dias” e que “clamam por enquadramento, uma vez que possuem muitos elementos que carecem de atenção”. Tal concepção ratifica o pensamento de Gitlin (2003), para quem os enquadramentos são processos intrínsecos à prática jornalística e habilitam os jornalistas a processar grandes quantidades de informação de forma rápida e rotineira, processando-as e retransmitindo-as de forma eficiente para

seus públicos: “por razões organizacionais, enquadramentos são inevitáveis e o jornalismo é organizado para regular sua produção” (GITLIN, 2003, p. 7, tradução nossa).

Kuypers afirma que a análise de enquadramento constitui “uma maneira particularmente útil para compreender o impacto da retórica”, podendo ser usada para entender melhor qualquer artefacto retórico, e principalmente na compreensão dos efeitos da comunicação mediada (KUYPERS, 2009, p. 182, tradução nossa):

Enquadrar envolve como a imprensa organiza o contexto através do qual o público encara suas notícias. Na sua essência, este é um processo retórico, e é por isso que acredito que a teoria de enquadramento pode ser especialmente frutífera quando adaptado para uma perspectiva retórica (KUYPERS, 2009, p. 185, tradução nossa).

Tal relação ocorre, pois a retórica possui elementos tanto informativos quanto persuasivos. Para efetivamente persuadir, faz-se necessário fornecer informações, exemplos, definições, ou seja, usar mais que meras afirmações como seus argumentos (KUYPERS e KING, 2009, p. 4, tradução nossa). Dessa forma, “a retórica envolve a correta interpretação, construção e utilização de materiais de apoio para fazer afirmações e ganhar a aceitação do público” (KUYPERS e KING, 2009, p. 4, tradução nossa), definição que se aproxima de práticas jornalísticas necessárias na construção da notícia.

Valores-notícia de construção como estratégias retóricas

Em sua proposta de sistematização para os valores-notícia, Nelson Traquina (2008, p.91) enumera seis “valores-notícia de construção”: a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância. Tais concepções, todavia, tratadas pelo autor português como “valores”, são compreendidas no contexto da presente discussão muito mais como estratégias argumentativas típicas da retórica e do enquadramento – a exemplo do emprego de figuras de linguagem e de técnicas de argumentação, que “cumprem a função de redefinir um determinado campo de informação, criando efeitos novos e que sejam capazes de atrair a atenção do receptor” (CITELLI, 2003, p.19-20). Tome-se, nesse sentido, como efeito ilustrativo, dois breves exemplos extraídos aleatoriamente das capas de revistas brasileiras de grande circulação nos últimos anos:

Imagem 1 – Capas das revistas Placar e Época



(Fonte: veja.abril.com.br/placar e epoca.globo.com)

Em ambos os casos, ressalta-se a ideia de “consonância”, isto é, a prática de inserir acontecimentos em uma “narrativa” mais ampla e já disseminada. No caso do jogador Neymar (*Revista Placar*), insere-se o tratamento da temática na narrativa religiosa cristã da crucificação ao passo em que, no caso de Kate Middleton (*Revista Época*), a temática está inscrita na narrativa lúdica dos contos de fadas. Nos dois exemplos, ressalta-se também a figura retórica da “simplificação”, ou o fato de os assuntos passarem por uma espécie de esvaziamento de ambiguidade e complexidade, o que Traquina (2008, p. 91), no campo conceitual, exemplifica com a recorrência do “uso de clichês, estereótipos e ideias feitas”. A figura retórica da “personalização”, ou a valorização das *personas* envolvidas no acontecimento em detrimento das problemáticas, bem como o recurso da “dramatização”, ou seja, o reforço do lado emocional para destacar determinados aspectos das notícias, também podem ser verificados nos exemplos mencionados.

Outras categorias mencionadas pelo autor português, como a “amplificação” (que versa que “quanto mais amplificado é o acontecimento”, mais possibilidades tem a notícia de ser notada, quer seja pela amplitude do ato ou por suas consequências), ou a “relevância” (que refere-se à habilidade do jornalista de construir sua narrativa de modo

a conceder um valor simbólico ao acontecimento como se este apresentasse uma relevância única para todas as pessoas), estabelecem-se ainda como estratégias retóricas rotineiramente utilizadas pelo jornalismo diário. Em todos os casos, tais estratégias e recursos de retórica contribuem diretamente para a consolidação de enquadramentos noticiosos específicos.

Retoma-se, assim, o conceito de retórica delineado por Kuypers & King (2009, p.4, tradução nossa) como “o uso estratégico de comunicação, oral ou escrita, para atingir objetivos específicos”, bem como a definição de Adilson Citelli (2003, p.8), que atribui à retórica o papel de “mostrar o modo de constituir as palavras visando convencer o receptor acerca de dada verdade”. Isso se justifica na medida em que o mesmo caráter persuasivo atribuído à retórica, que “visa influenciar nossos comportamentos pessoais e coletivos fazendo-nos concordar voluntariamente com o orador que uma determinada ação ou política é melhor que outra” (KUYPERS e KING, 2009, p. 6, tradução nossa), é também constantemente atribuído à mídia, principalmente quando se analisam os pormenores da construção noticiosa por meio de análises de enquadramento. Tais estratégias podem ser identificadas por meio de análises comparativas, através das quais os pesquisadores:

Operando dentro de uma perspectiva de enquadramento, procuram sugestões de como escolhas de linguagem feitas por comunicadores (neste caso, a imprensa) empurram nosso pensamento em direções particulares. (KUYPERS, 2009, p. 186, tradução nossa).

Finalmente, compreende-se que essas análises voltam-se, via de regra, a identificar “dispositivos de enquadramento” como “palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais”, pois, de acordo com Kuypers (2009, p. 191, tradução nossa), “enquadramentos são formados por palavras e frases particulares que consistentemente aparecem dentro de uma narrativa e ‘transmitem significados tematicamente consoantes ao longo do tempo’”.

Conclui-se, assim, a partir do fio condutor estabelecido e das ideias dos autores mencionados, que o pressuposto de fundo do presente artigo mostra-se factível. Em outros termos, entende-se que a ação de proporcionar enquadramentos da realidade a partir da prática jornalística não institui-se dissociada de estratégias retóricas. Tais estratégias, contudo, no plano conceitual, situam-se em um espectro de análise diferente dos chamados “valores jornalísticos” – estes, por sua vez, estão localizados muito mais próximos dos “valores ideológicos” compartilhados nas salas de redação como tratado

na acepção de Gans (2004) do que propriamente do *modus operandi* das estratégias retóricas de construção das notícias.

Referências bibliográficas

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2003.

ENTMAN, Robert M. **Framing: Toward Clarification of A Fractured Paradigm**. Journal of Communication; Research Library Core, Outono de 1993; Volume 43, Edição 4; pg. 51-58.

GALTUNG, Johan, RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers**. Journal of International Peace Research, n.1, 1965.

GANS, Herbert J. **Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time**. Illinois: Northwestern University Press, 2004. 393 p.

GITLIN, Todd. **The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left**. California: University of California Press, 2003. 327 p.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HALL, Stuart. The determination of news photographs. In: COHEN, Stanley e YOUNG, Jock (Orgs.). **The manufacture of news: social problems, deviance and the mass media**. Beverly Hills: Sage, 1981.

KUYPERS, Jim A. Framing analysis. In: KUYPERS, Jim A. (Org.). **Rhetorical Criticism: perspectives in action**. New York: Lexington Books, 2009.

KUYPERS, Jim A.; KING, Andrew. **What is Rhetoric?** In: KUYPERS, Jim A. (Org.). **Rhetorical Criticism: perspectives in action**. New York: Lexington Books, 2009.

PEUCER, Tobias. **Os Relatos jornalísticos**. Tradução de Paulo da Rocha Dias. Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina, vol. I, n. 2, 2004.

SHOEMAKER, Pamela J. e COHEN, Akiba. **News around the world: Practitioners, Content, and the Public**. New York: Routledge, 2006.

SILVA, Gislene. **Para pensar a noticiabilidade**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, n. 1, 2005.

SILVA, Marcos Paulo. Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores-notícia. In: FERNANDES, Mario Luiz; SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo (Orgs.). **Crítérios de noticiabilidade: Problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

STEPHENS, Mitchell. **Uma história das comunicações: dos tantãs aos satélites**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume I: Porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.